

ARTIGO

“FALAR DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO”: AFETOS E IDEIAS POLÍTICAS NOS ESCRITOS EPISTOLARES DE ANTÓNIO SARDINHA (1910-1912)

MARIA IZILDA SANTOS DE MATOS

Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP)
Livre docente em História pela PUC/SP
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4109-3747>

PEDRO TANAGINO

Bolsista de Pós-Doutorado Júnior (Bolsa PDJ - CNPq – FAPEMIG/UFJF)
Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1121-5472>

RESUMO: Este artigo se concentra na análise das matrizes do pensamento político do intelectual português António Sardinha, particularizando sua fase republicana, período anterior à sua adesão ao movimento do Integralismo Lusitano. Objetiva-se analisar a identificação do autor com o republicanismo como parte de uma atitude de “rebelião cultural” que caracterizou uma geração de intelectuais de direita portuguesa. A pesquisa priorizou a correspondência de António Sardinha para sua noiva Ana Júlia Nunes da Silva, nos anos entre 1910 e 1912.

PALAVRAS-CHAVE: António Sardinha. História Intelectual. Republicanismo. Epistolografia.

“SPEAK FROM HEART TO HEART”:

AFFECTIONS AND POLITICAL IDEAS IN THE EPISTOLAR WRITINGS OF ANTÓNIO SARDINHA (1910-1912)

ABSTRACT: This article focuses on the analysis of the matrices of the political thought of the Portuguese intellectual António Sardinha, particularizing his republican phase, the period prior to his joining the Lusitan Integralism movement. The aim is to analyze the author's identification with republicanism as part of an attitude of "cultural rebellion" that characterized a generation of portuguese right-wing intellectuals. The research prioritized the correspondence from António Sardinha to his fiancée Ana Júlia Nunes da Silva, in the years between 1910 and 1912.

KEYWORDS: António Sardinha. Intellectual History. Republicanism. Epistolography.

Recebido em: 23/05/2023

Aprovado em: 11/07/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p237-258>



Minha boa Amiga, minha santa Amiga:
Agora sim! Agora é que é falar de coração para
coração, duma alma para outra alma.¹

Desse modo que, em 7 de agosto de 1910, António Sardinha inicia uma das suas cartas para sua noiva e futura esposa Ana Júlia Nunes da Silva. Este é um fragmento das cerca de 525 epístolas enviadas por Sardinha para Ana Júlia, num empenho de escritura diário, entre 1910 e 1912. Essas correspondências encontram-se marcadas por afetos e emoções, também incluem relatos do cotidiano, comentários sobre a situação política portuguesa, o posicionamento e as ideias do autor.

A trajetória do intelectual português António Sardinha (1887-1925) tem sido objeto de inquietação de vários pesquisadores que se dedicam à história política ibero-americana da primeira metade do século XX. António Maria de Sousa Sardinha foi um dos fundadores e principal ideólogo do denominado Integralismo Lusitano, movimento intelectual e político de expressão do conservadorismo radical católico e da oposição monarquista durante a Primeira República portuguesa (1911-1926). O intelectual é considerado um pensador de referência das direitas radicais lusófonas no período entre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a ascensão do Estado Novo português (1933-1974), capitaneado por António de Oliveira Salazar (1889-1970). O Integralismo Lusitano contou com a adesão das elites portuguesas e se tornou inspiração política e modelo de pensamento dos fascismos portugueses (Pinto, 2016, p. 16).²

O presente artigo focaliza um momento ainda pouco observado nos estudos sobre a trajetória e o pensamento político do intelectual o período anterior à sua conversão ao catolicismo, ao monarquismo e à adesão ao Integralismo Lusitano, em 1912. A análise está centrada na correspondência de Sardinha para Ana Júlia, que são documentos com potencial, apesar de pouco explorados.

¹ Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva. Monforte, 7 ago. 1910, p. 41. A correspondência enviada à sua esposa foi organizada e publicada pela historiadora e sobrinha-neta de Sardinha, Ana Isabel Sardinha Desvignes, na obra "Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)" (Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008).

² O foco deste artigo não recai sobre o tema dos fascismos. Portanto, não abordará as influências do pensamento político de Sardinha e do Integralismo Lusitano sobre o processo de formação do fascismo em Portugal, embora o artigo tangencie este tema de forma sumária em alguns momentos do texto. Todavia, a historiografia sobre os fascismos, e especificamente, sobre a fascistização dos intelectuais e seus reflexos sobre a cultura, a educação, da História e do ensino de História é bem ampla. Ver (Griffin, 1991. Gregor, 2005. Paxton, 2004. Payne, 2013. Sternhell, Sznajder, Asheri, (Orgs.). 1998. Ferro, 1983. Lavelle, 1999).

A correspondência é um tipo de documentação abundante e variadíssima, mas também fragmentada, dada a dispersão e, muitas vezes, quase inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos, profissionais) e pela invasão de privacidade que seu exame pode acarretar. Além disso, o pesquisador precisa estar ciente de uma série de procedimentos metodológicos para que sua análise tenha maior rendimento. Trabalhar com cartas, assim como com outros documentos, privados ou não, implica procurar atentar para uma série de questões e respondê-las. Quem escreve/lê as cartas? Em que condições e locais foram escritas? Onde foram encontradas, e como estão guardadas? Qual ou quais os seus objetivo (s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais as suas características como objeto material? Que assuntos/temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? Estas questões podem se multiplicar, chamando a atenção do analista para as importantes relações estabelecidas entre quem escreve o que escreve e o suporte material usado na escrita (Gomes, 2004, p. 21).

Estes escritos estão ordenados em dois tópicos. No primeiro, prioriza-se a trajetória, o pensamento intelectual e o papel de Sardinha na constituição do Integralismo Lusitano num contexto histórico da Primeira República portuguesa (1910-1926); observa-se Sardinha em seus percursos, suas estratégias de inserção nas redes, posições em sua geração intelectual,³ seu ideário, ações e plataformas (Sardinha, 1942, p. XVI). Já no segundo tópico, a análise se debruça nas cartas escritas por António Sardinha para sua noiva, Ana Júlia, entre 1910 e 1912, pelas quais se observa, entre outros aspectos, a constituição de matrizes do seu pensamento político.

António Sardinha, “voluntário da Reação”: trajetória e propostas

António Maria de Souza Sardinha nasceu na cidade alentejana de Monforte, no dia 9 de setembro de 1887, em uma família de proprietários rurais. cursou Direito em Coimbra, graduando-se em 1911, exerceu função pública em sua cidade natal e iniciou a carreira intelectual como poeta, posteriormente, seus escritos

³ Estes escritos se encontram sedimentados em dimensões de análise de trajetórias e do pensamento político de intelectuais: “itinerário”, “sociabilidade” e “geração” (Sirinelli, 2003, p. 247-256). Na análise de “itinerários” busca-se identificar a origem e inserção social, a formação, o processo de constituição e o engajamento nas ideias que foram propostas e defendidas, o que implica observar a trajetória biográfica, as publicações e as estratégias de inserção num mercado editorial na busca por um público leitor (Benjamin, 2009, p. 61). Também merece destaque focalizar as trajetórias cruzadas e as redes de “sociabilidade” fundamentais no processo de formação intelectual e inserção política (Pocock, 2006, p. 84), essas redes se definem não apenas por relações de aliança, também de enfrentamento, oposição e conflito, mostrando-se sua natureza eclética. Já a categoria “geração” remete às relações de inserção, solidariedade e conflitos (Sirinelli, 2003), Sardinha se dirigiu ao passado na busca de referências e demarcações no sentido de “reatar, por sobre as nossas desilusões e os nossos sacrifícios, os anéis tradicionais criminosamente quebrados no breve instante duma só geração” (Sardinha, 1942, p. XVIII).

incorporaram temas sociológicos, históricos e políticos, consagrando sua influência nas elites intelectuais de sua geração. Numa fase inicial, aderiu ao ideário republicano contestador da Monarquia Constitucional portuguesa (1822-1910), contudo, abandonou o republicanismo em 1912, ano em que se casou com Ana Júlia Nunes da Silva (Rodrigues, 1987, p. 453).

Figura 1 - António Maria de Souza Sardinha



Fonte: CENTRO DE HUMANIDADES (CHAM). **Gerações Hispânicas:** cultura, história e pensamentos ibéricos e ibero-americanos, António Sardinha (09/09/1887-10/01/1925. Disponível em: <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/ghispanicas/2019/05/08/antonio-sardinha/>. Acesso: 08 dez. 2023.

A “Primeira Geração” do Integralismo Lusitano (Martins, 2010, p. 99-103) foi formada por estudantes da Universidade de Coimbra, epicentro dos principais movimentos políticos e das lutas republicanas, que levaram à deposição do último

monarca português, D. Manuel II,⁴ em 1910. Assim sendo, a queda da Monarquia, a implantação da República e a Primeira Guerra Mundial foram os fatos marcantes da geração intelectual de Sardinha, na qual sobressaíam as correntes republicanas, monarquistas e do catolicismo social (Andrade, 2011, p. 2).

Na geração de Sardinha inserem-se nomes como Francisco Rolão Preto,⁵ Hipólito Raposo,⁶ Pequito Rebello,⁷ Luís de Almeida Braga⁸ e Alberto de Monsaraz,⁹ que influenciaram o movimento social-cristão português desde os finais do século XIX e, de modo mais direto, o Centro Acadêmico de Democracia Cristã (CADC) da Universidade de Coimbra, ao qual pertenceu António de Oliveira Salazar (Torgal, 2010, p. 76).

As análises sobre o integralismo português (Cardoso, 1982; Rodrigues, 1987; Carvalho, 1996; Desvignes, 2008; Cordeiro, 2009; Pinto, 2009; Torgal, 2010; Martins, 2010; Andrade, 2011) identificam as matrizes intelectuais do movimento em tendências do cientismo vitalista (como Gustave Le Bon), do positivismo reacionário (como Maurice Barrès, Charles Maurras, Jacques Bainville, Léon Daudet), idealismos, intuicionismos e transformismos (como Henri Bergson, Georges Sorel, Antonio Labriola, Georges Valois e Édouard Berth), permitindo observar as influências de teóricos expressivos nos pensamentos políticos das direitas europeias, durante as primeiras décadas do século XX.

Os Integralistas Lusitanos se afirmaram como um movimento intelectual adversário da República e do liberalismo político e econômico, sendo favorável à restauração da monarquia, tradicionalista e antiparlamentar. Nos dizeres de Sardinha, criticavam a “superstição democrática”, a “mentira plutocrática e

⁴ D. Manuel II era filho do rei D. Carlos I (1863-1908), que foi assassinado juntamente com o príncipe herdeiro Luís Filipe, em atentado ocorrido em Lisboa em 1908.

⁵ Francisco de Barcelos Rolão Preto (1893 – 1977) foi advogado, escritor e jornalista. Sendo um dos fundadores do Integralismo Lusitano, foi também secretário da revista *Alma Portuguesa* e do jornal *A Monarquia*. A partir de 1933, participou da fundação e direção do Movimento Nacional-Sindicalista, um dos principais movimentos fascistas de Portugal, senão o principal, antagonista ao Estado Novo.

⁶ José Hipólito Vaz Raposo (1885 – 1953) foi advogado, escritor, historiador, teatrólogo, professor e político. Também foi um dos fundadores do Integralismo Lusitano e da revista *Nação Portuguesa*, e um dos diretores de *A Monarquia*, e outro integralista a se colocar na oposição ao regime salazarista e sofrer sua perseguição.

⁷ José Adriano Pequito Rebelo (1892 – 1983) foi advogado, escritor, jornalista e grande proprietário rural. Foi um dos principais financiadores do movimento.

⁸ Luís Carlos de Lima de Almeida Braga (1886 – 1970) foi advogado e escritor, e um dos fundadores do Integralismo Lusitano. Foi talvez a principal influência sobre Sardinha para sua conversão ao catolicismo e ao monarquismo.

⁹ Alberto de Monsaraz (1889 – 1959), 2º conde de Monsaraz, foi também advogado e poeta, um dos fundadores do Integralismo Lusitano e um dos principais financiadores dos periódicos integralistas.

revolucionária”, as “abstrações tirânicas do liberalismo” e do romantismo revolucionário (Carvalho, 1996, p. 234-235).

A Primeira República portuguesa foi representada e demonizada pelos integralistas como um período de desordem social e terrorismo que levaria à implantação da Ditadura Militar (1926-1933) e do Estado Novo (1933-1974), que era interpretado como um “desvio” ao considerado “verdadeiro curso natural da história portuguesa”, de modo que somente o autoritarismo nacionalista e a retomada do tradicionalismo poderiam restaurar a sua vocação de “país de navegantes, santos e cavaleiros” (Rosas; Rollo, 2011, p. 10).

Nesse sentido, o combate aos escritos historiográficos para Sardinha era uma batalha importante, como ele declarava:

A história falsificada constitui hoje para a pedagogia republicana a razão intelectual da consolidação do regime. É o terreno em que os bons soldados da nossa tradição católica e monárquica necessitam de aceitar o combate (Sardinha, 1975, p. 12).

Após as tentativas malogradas de derrubada do regime republicano (1911-1912), alguns exilados portugueses na França e na Bélgica (1913) deram início à publicação da revista *Alma Portuguesa*, na cidade belga de Leuven (MARTINS, 2010, p. 89). O periódico balizaria a fase inicial do movimento, marcada pela agitação cultural mais do que pela organização política. Seu ideário predicava uma retomada da primazia da religião católica em contraponto aos valores materialistas e cientificistas do republicanismo liberal (Cordeiro, 2009, p. 141).

Durante a estada no estrangeiro, os exilados portugueses tiveram contato com o movimento cultural e o pensamento político nacionalista-autoritário da *Action Française*, liderada pelo intelectual Charles Maurras. Conheceram e incorporaram certos princípios do “nacionalismo integral” maurrasiano, que foi fundamental para as direitas radicais europeias até o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).¹⁰ Outra influência foi o “nacionalismo socialista” de Maurice

¹⁰ Charles-Marie-Photius Maurras (1868 – 1952) foi jornalista e poeta francês, um dos fundadores e principal líder da *Action Française* e diretor do jornal do movimento. Maurras era referência do “nacionalismo integral”, sua doutrina sofreu repreensão do Vaticano, com o Papa Pio XI, em 1926; todavia, a proibição oficial da Igreja Católica não reduziu sua influência entre os conservadores radicais católicos do mundo ibero-americano. O nacionalismo integral da *Action Française* ganhou projeção nacional e internacional no contexto do caso Dreyfus e da ascensão da “Nova Direita” autoritária-nacionalista sobre a tradicional direita liberal-conservadora. O movimento se caracterizava por ser reacionário, xenófobo, que denunciava o sentimento de decadência da civilização na França e pugnava pela descentralização político-administrativa e pela reconstrução da França “tão forte externamente, como fora no Antigo Regime” (WINOCK, 2000, p. 94-96). O movimento atacava judeus,

Barrès e o “sindicalismo revolucionário” de Georges Valois, que também influenciaram adeptos dos princípios políticos dos fascismos, reconhecidos como princípios norteadores dos partidos de extrema-direita, emergentes entre 1914 e 1918 (Pinto, 2009, p. 215-218).

Os fascismos, antes de se tornar organizações políticas, foram movimentos político-culturais, que se difundiram agregando intelectuais em oposição ao legado do ideário do Iluminismo, da Revolução Francesa e da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão. A cultura política fascista emergente no século XX elegeu como alvo de ataques e críticas os sistemas políticos norteados por preceitos republicanos democráticos, liberais, representativos e constitucionais e o marxismo (Sternhell, 1998, p. 1-5).

Além da *Action Française*, o ideário de Sardinha estava alicerçado no pensamento contrarrevolucionário de Joseph de Maistre, De Bonald, José da Gama e Castro¹¹, marquês de Penalva, visconde de Santarém,¹² entre outros.

Posicionando o movimento integralista português em oposição a outros grupos conservadores da Primeira República, Sardinha negava ser conservador, via-se como um intelectual “renovador, revolucionário, místico e violento”¹³ (Desvignes, 2008, p. 16).

Falta-lhes a escola da violência. [...], e com a violência falta-lhes tudo: a finalidade [...]. Nós integralistas, não somos conservadores – dada a passividade que a palavra traduz. Somos antes renovadores (Sardinha, 1924, p. 193).

Outra posição sempre reafirmada por Sardinha foi a da antimodernidade. Em vários trechos de seu livro *Na feira dos mitos*, citando o escritor católico francês

maçons e o governo parlamentar, se opunha ao *laissez-faire*, era contra a abolição dos privilégios dos estamentos, defendia a sociedade como produto da natureza, o governo monárquico controlado pelas famílias principais responsáveis pelo bem público, o controle da Igreja na educação, a harmonia entre as classes por meio de uma “justiça social como forma de preservar a França das ideologias internacionalistas” (OLIVEIRA, 1990, p. 59).

¹¹ José da Gama e Castro (1795-1873), médico português, apoiador D. Miguel (1819), foi exiliado na Itália (1834), onde editou *O Precursor*, órgão do miguelismo no exílio. Chegou ao Brasil em 1838, onde publicou várias obras, com destaque para *O novo Príncipe, ou o Espírito dos Governos Monárquicos*. (TORGAL, 1973)

¹² O autor refere-se ao 2º visconde de Santarém, Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa (1791-1856), autor do livro *Memórias para a História e Teoria das Cortes Gerais*, cuja segunda edição, de 1924, foi prefaciada por António Sardinha, que tinha grande admiração pelo autor e por essa obra em particular, que possibilitou grandes contribuições ao pensamento corporativista de Sardinha.

¹³ Os integralistas portugueses, embora professassem a convicção no uso da violência para fins políticos, não se constituíram uma organização militarizada e combativa como os camisas-negras italianos.

Jacques Maritain (1882-1973), o intelectual revelou sua adesão ao tradicionalismo, ao catolicismo, à antimodernidade e delineou os projetos de “ultramodernidade” para o Integralismo Lusitano:

Ce que j'appelle ici antimoderne, aurait pu tout aussi bien être appelé ultramoderne. Il est bien connu, em effet, que le catholicism est aussi antimoderne par son immuable attachement à la tradition qu'ultramoderne par as hardiesse à s'adapter aux conditions nouvelles surgissant dans l'avie du monde¹⁴ (Maritain, 1922, *apud* Sardinha, 1942, p. 5).

A ideia de projeto de modernização conservador e católico pode ser identificada quando Sardinha falava sobre seu ideal integralista de um nacionalismo tradicionalista para Portugal:

O nacionalismo, quando apenas força instintiva e sentimental, é um elemento anárquico e nunca um agente sólido de construção. Prova-o, por exemplo, o espetáculo que atualmente nos oferece a Europa balcanizada pelo princípio romântico das nacionalidades. O *nacionalismo* precisa assim duma regra, duma disciplina que só o *tradicionalismo* lhe fornecerá. Eis o motivo por que nós não somos só *nacionalistas*, mas também *tradicionalistas* (Sardinha, 1944, p. 134-135).

O autor também propunha um tradicionalismo que se queria “progressista” (Cordeiro, 2009, p. 141), uma vez que não abarcava somente um sonho de retorno e arcaísmo, mas um projeto de modernização nacional. Esse paradoxo se apresentava na tentativa de articular o tema eminentemente lusófono da “saudade”, expresso no seu medievalismo e no culto sebastianista (Cardoso, 1982, p. 1399).

Em 1914, após a anistia concedida pelo governo, os integralistas exilados retornaram ao país. Continuaram atuando na condição de agitadores literários e contestadores da Monarquia Constitucional portuguesa, inspirados na tradição dos legitimistas de D. Miguel I,¹⁵ de forma mais coesa e sólida se organizaram em torno

¹⁴ A frase de Maritain citada por Sardinha está inserida no livro *Antimoderne*. Em tradução livre, “O que eu chamo aqui de antimoderno, poderia muito bem ser chamado de ultramoderno. É bem sabido, de fato, que o catolicismo é tão antimoderno em seu apego inabalável à tradição quanto ultramoderno em sua ousadia de se adaptar às novas condições que emergem no mundo”.

¹⁵ A tradição dos legitimistas de D. Miguel I, também chamados de “miguelistas”, tem início no reinado de D. Miguel de Bragança (1828-1834), irmão de D. Pedro I do Brasil (D. Pedro IV de Portugal). D. Miguel assumiu o trono português depois de depor sua sobrinha e noiva Maria II, filha e herdeira de D. Pedro. O reinado de D. Miguel impôs um interregno à experiência liberal da Monarquia Constitucional portuguesa e aos ideais da Revolução Liberal do Porto (1920), instaurando uma tentativa de restauração absolutista, que só teve fim após uma Guerra Civil entre os dois irmãos (1832 a 1834). A Monarquia Constitucional Liberal portuguesa foi retomada com a derrota dos miguelistas, mas o ideal miguelista persistiu como referência. (Gonçalves, A., 2013, p. 1-2)

de periódicos como o jornal *A Monarquia* (1916) e a revista *Nação Portuguesa* (1914-1938).

Gradativamente, o movimento integralista foi se constituindo um projeto com um pensamento sistematizado, no qual os escritos e as ações de António Sardinha foram basilares. O ideário do movimento apregoava uma plataforma definida pelo monarquismo, nacionalismo e tradicionalismo, propunha a reorganização das relações capital-trabalho a partir da teoria social corporativista organicista,¹⁶ com cariz antiliberal, antirrepublicano e antidemocrático, num projeto que denominaram como “Monarquia integral”, considerado a solução política para o país.

Com a entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial (1916), ao lado da Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia), os integralistas lusitanos se constituíram como organização política, com a criação de uma Junta Central, iniciaram a expansão para além de Lisboa, vislumbrando tornar-se um partido, o que não foi inteiramente concretizado.

Durante o breve governo de Sidónio Pais (1917-1918), Sardinha foi eleito deputado pela minoria monarquista. Após o assassinato do presidente Sidónio Pais (1918) por um militante republicano, Sardinha e os integralistas se radicalizaram, envolvendo-se nos levantes armados monarquistas da “Monarquia do Norte” (Porto - janeiro/fevereiro de 1919) e na Revolta do Monsanto (Lisboa - finais de fevereiro de 1919). Após o fracasso desses levantes, os integralistas implicados foram condenados ao exílio, Sardinha partiu para a Espanha, onde se envolveu com a

¹⁶ O sistema corporativista pode ser definido como “um sistema de representação de interesses cujas unidades constitutivas do mundo da produção são organizadas dentro de um número limitado de categorias com caráter singular; compulsório; não-competitivo; hierarquicamente ordenadas e funcionalmente diferenciadas; reconhecidas ou permitidas (quando não criadas) pelo Estado, garantido um deliberado monopólio da representação dentro de suas respectivas categorias, em troca de certa margem de controle do Estado na seleção de líderes e na articulação entre demandas e apoios” (Schmitter, 1974, p. 93-94). O corporativismo se baseia na teoria social orgânico-estatista, em que as suas “unidades orgânicas” (família, poderes locais, organizações profissionais e instituições de interesses) substituem o modelo eleitoral liberal parlamentar do sufrágio universal e individual, que torna as corporações profissionais e empresariais os órgãos principais ou complementares da atividade legislativa ou consultiva do Estado e dos governos. O termo “orgânico” faz referência a “uma visão normativa da comunidade política na qual as partes componentes da sociedade se combinam harmoniosamente para permitir o desenvolvimento completo do potencial do homem”, enquanto o termo “estatista” surge “devido à presunção nesta tradição de que essa harmonia não ocorre espontaneamente no processo da evolução histórica, mas, pelo contrário, exige poder, escolhas racionais e decisões, e reestruturação ocasional da sociedade civil pelas elites políticas” (Stepan, 1980, p. 51). Essa proposta política ganhou projeção como alternativa para as tensões advindas da “questão social”, movimentos, partidos, regimes conservadores e/ou autoritários-nacionalistas incorporaram o corporativismo como proposta, sendo o Estado Novo português um dos casos mais longevos (Silva, 2003, p. 130-131, Pinto, 2014, p. 19, Garrido, 2016, p. 27).

questão hispânica e se aproximou do pensamento de conservadores espanhóis como Angel Gavinet, Miguel de Unamuno e Menendez y Pelayo (1856-1912) (Pinto, 2016, p. 28; Martins, 2010, p. 92).

Ao regressar do exílio (1921), Sardinha dedicou-se, entre os anos de 1922 e 1924, a questões políticas e intelectuais acerca do “hispanismo” e da proposta de uma “aliança peninsular” luso-espanhola, contra o ideário do “iberismo” espanhol, que, segundo o intelectual, “ameaçava a soberania portuguesa com o horizonte de uma anexação pelo país vizinho” (Desvignes, 2016, p. 75).

À individualidade geográfica da pátria portuguesa, conforme ficou definida por autorizados depoimentos da ciência oficial espanhola, correspondia em toda a sua amplitude um fundo étnico, tipificado por diferenças que, se o aproximavam das mais populações hispânicas, lhe imprimiam, todavia um particularismo muito seu, que o não deixava, por outro lado, confundir-se inteiramente com elas. Donde o resultar bem nitidamente que a separação política de Portugal e Espanha tira as suas raízes de circunstâncias mais fortes que a ambição dos nossos príncipes, como pretendia Alexandre Herculano, – ou que o simples capricho do deus Acaso, como queria Oliveira Martins num negativismo para lamentar em tão alto e claro espírito! (Sardinha, 1924/2, p. 106).

Em 1922, a Junta Central do Integralismo Lusitano se autodissolveu, demarcando o término da “Primeira Geração” desse movimento. Nesse mesmo ano, Sardinha manifestou sua decepção com o monarquismo português e demonstrou admiração pelo regime fascista italiano e por Benito Mussolini, identificados como símbolos do triunfo da “reação nacionalista” no Ocidente (Desvignes, 2008, p. 17):

Mais orgânico, mais inspirado nas razões claras do Ocidente, o ensaio governativo de Mussolini descobre-nos o lado positivo do fenómeno que, em termos opostos, a Rússia fornece à nossa meditação. É a morte da Democracia a que assistimos, é à vitória da sinceridade e do desassombro na arte de governar (Sardinha, 1934, p. 282-283).

No período posterior (1922/1924), Sardinha assumiu a vanguarda de um novo pensamento social, o “luso-tropicalismo”. No capítulo “Mare nostrum” da obra *Aliança Peninsular*, o autor esboçou o que deveria nortear as relações ibéricas com as antigas colônias americanas:

O que pode e há de aproximar o Brasil de Portugal é o que pode e há de aproximar da Espanha as nacionalidades hispano-americanas: a

guarda e o prestígio dum tipo de civilização que a todos os hispanos igualmente pertence e que, sendo a razão a base fundamental da sua razão de ser como pátrias livres é, simultaneamente, como simples “programa de conservação”, – o “programa de conservação”... a afirmação dum natural e irresistível *supernacionalismo* (Sardinha, 1924/2, p. 444-445).

Sua proposta de “luso-tropicalismo” ganhou repercussão transnacional e pôs Sardinha em contato epistolar com diferentes intelectuais do mundo lusófono, destacando-se Gilberto Freyre (Castelo, 2000; Léonard, 1997).¹⁷ Essa foi a última fase da produção do intelectual, que, aos 37 anos, faleceu na cidade de Elvas/Alentejo (10 de janeiro de 1925).

Após a sua morte, o Integralismo Lusitano se reformulou e teve continuidade com uma “Segunda Geração” (1925 a 1933). Entretanto, dispersou-se enquanto organização política (1932), mas se manteve como movimento de ideias até os anos de 1950. Cabe destacar que os integralistas buscaram marcar presença durante a Ditadura Militar (1926-33) e vários de seus intelectuais se vincularam ao Salazarismo, contudo, enquanto movimento político, não conseguiram se sustentar, ante a hegemonia de novos grupos emergentes que apoiavam o governo de Salazar (Martins, 2010, p. 103-110).

Falando com a alma e o coração: afetos e ideias políticas nas cartas de amor

As cartas aqui analisadas foram escritas por António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (uma jovem pertencente a uma família abastada de Elvas, a quem se referia intimamente por “Aninhas”), durante o período de noivado, entre 1910 e 1912. Como já dito, totalizam cerca de 525 epístolas trocadas quase diariamente, no eixo Coimbra-Monforte-Elvas, quando Sardinha era estudante de Direito na Universidade de Coimbra e funcionário em Monforte.¹⁸ Das cartas da noiva, nada restou, alega-se que foram destruídas por ela após a morte do marido.

Na correspondência, Sardinha representava sua noiva como um tipo ideal de mulher que, em sua escrita, confundia-se com modelo de feminilidade tradicional dentro dos padrões da sociedade portuguesa de então. Na sua primeira carta à

¹⁷ O processo de aproximação de Sardinha com intelectuais brasileiros ficou registrado através da troca de correspondências com Elísio de Carvalho, Oliveira Lima, Jackson de Figueiredo, Ronald de Carvalho e Gilberto Freyre, este foi diretamente influenciado pelo ideário do integralista português.

¹⁸ Destaca-se que foi durante a sua estadia em Monforte (em finais de 1911) que Sardinha abandonou o republicanismo, assumiu a fé católica e redescobriu o cristianismo. (MARTINS, 2009, p. 216)

noiva (10 de maio de 1910), comentava sobre a publicação de seu livro de poesias intitulado *Tronco reverdecido*, de 1910, no qual assumiu o pseudônimo Antônio de Monforte. O autor esboçava a representação do feminino ideal no trecho final da carta:

A Aninhas é para mim o tipo sonhado da companheira que idealizei. Possui a cultura e o grau elevado de espírito para me compreender e ajudar na realização da minha obra. E a essa altíssima qualidade liga a singeleza antiga, tão encantadora e tão superior, da nossa mulher da província. É uma portuguesa numa época em que não se é nada, em que tudo se incarna em um mesmo figurino cosmopolita, em que as qualidades se amolecem e acabam por se eliminar, como *shockings* (Carta...p. 3. *apud* Desvignes, 2008, p. 43).

Nessas palavras, Sardinha apontava o “estímulo nobilitante que de si me vem”, valorizando também a “singeleza antiga, tão encantadora e tão superior, da nossa mulher da província”, explicitando padrões do tradicionalismo que o inspirava. As noções de família e sua ligação com a terra natal foram expressas em suas obras doutrinárias no Integralismo Lusitano:

Venho duma longa geração de lavradores, que, pelo exercício da espada e do arado, conseguiram atingir as honras da pequena nobreza provinciana. Subiram, portanto, dentro da regra – ou sulcando de regos geométricos a herdade patrimonial, ou assentando-se, em vereação, graves e singelos, à roda da mesa antiga do *Concelho* (Sardinha, 1942, p. XIII).

Em sua segunda carta (7 de agosto de 1910), Sardinha, advertindo à noiva sobre o seu estilo de escrita e os possíveis exageros, destacava: “Eu sou uma natureza ardente, impulsiva, duma afetividade enorme, quase ridícula às vezes” (Carta...3p. *apud* Desvignes, 2008, p. 41). Seria como uma tentativa de explicar à Ana Júlia suas ligações afetivas, emoções e sensibilidades antimodernas e tradicionalistas, incluindo “o culto da Raça, a religião da Família”.

O autor faz referência à constante exposição de seus ideais políticos em suas cartas à noiva, de um modo que frisa a importância que esse tipo de exposição de ideias tem para ele. Pode-se dizer do uso de uma retórica “radicalmente antirreferencial, podendo ser observada como uma técnica de convencimento que reduz a verdade a um conjunto de tropos e que excita as emoções” (Chartier, 2022, p. 5):

O amor das coisas humildes e ignoradas e a paisagem natal que nos educou a retina e pela primeira vez acordou na nossa emoção a ideia de Pátria e a ideia de Universo, - como eu deduzo da carta de V. Excia que eu muito guardo e muitas vezes lerei -, não lhe foram ali indiferentes. V. Excia através daqueles

descoloridos versos o motivo que os originou: - o culto da Raça, a religião da Família (Carta...2p. *apud* Desvignes, 2008, p. 39).

O elitismo¹⁹ também se fez presente na carta de 28 de agosto de 1910, na qual o autor fala sobre sua vida cotidiana em Monforte:

Para que preciso eu, sobretudo aqui, da convivência de criaturas que me são abomináveis pela sua inferioridade, de que eles não têm culpa, é verdade, mas que podiam atenuar não sendo maus como são (Carta...p. 6. *apud* Desvignes, 2008, p. 49).

Em seguida, Sardinha, em um relato emocionado sobre sua juventude no Alto Alentejo, considerava ter moldado o seu caráter e fundado sua trajetória através da atividade intelectual e política.

Crê tu, minha Aninhas, que na gente da minha terra não conto muitos amigos. Não que eu lhes faça mal, mas é que eles são invejosos, ruins e não percebem que alguém se sobreleve pelo seu porte e pelo seu trabalho. A luta enorme que eu sustentei contra isto tudo, quando perdi meu Pai! Julgavam eles que por eu ficar uma criança, com 17 anos só, [...] não teriam para comigo, tão cedo chefe duma família, o acatamento e a consideração que à minha orfandade e ao meu nome deviam. Pois enganaram-se. Tratei-os à bico de bota, quando me foi isso preciso, pus-me no meu lugar e sabes tu que amparo tive no meio dessa hostilidade? O meu orgulho, o meu descomunal orgulho, que é orgulho quando entende que o deve ser para defesa da sua individualidade, mas que é humildade, timidez, para com a bondade e para com a inocência. O que eu sofri! Mas como eu me encho dum júbilo justificado ao ver que venci e que hoje os contendo no maior respeito e me acodem a lisonjear com salamaleques parvos (Carta...6p. *apud* Desvignes, 2008, p. 49).

Na família, no Liceu e na comunidade monfortense, Sardinha encontrou resistências às suas escolhas pela atividade de poeta e intelectual. Assim, explicitou seus ressentimentos e a opção pelo isolamento e pela solidão, uma de suas fontes

¹⁹ O elitismo e o “culto da Raça” eram elementos que se entrelaçavam no pensamento de Sardinha e que também foram cultivados no ideário do Integralismo Lusitano. Conforme o intelectual italiano Vilfredo Pareto (1848-1923), um dos principais teóricos do assim chamado “elitismo” político e social, a diferenciação social entre os indivíduos supostamente expressaria o “fato” de que as pessoas seriam naturalmente diferentes fisicamente, moralmente e intelectualmente. Consequentemente, algumas pessoas seriam naturalmente superiores a outras, em função de suas qualidades natas. Pareto sofreu a influência do darwinismo social, de onde tomou uma ideia geral de que na “luta social” os “vencedores”, isto é, quem se achava no topo, eram mais “bem-dotados” ou “evoluídos (ARON, 1999, p. 404). Dentro dessa visão social, quem possuísse as “virtudes” necessárias para ser considerado membro de uma elite seria alguém teoricamente capacitado a governar as massas ignoras. No entanto, a elite não é formada apenas pelos mais capazes, mas também pelos que podem dispor da força para garantir sua posição social privilegiada. Portanto, para o pensamento político elitista, enquanto as elites agiriam racionalmente *par excellence*, as massas mover-se-iam de modo irracional e supersticioso e, por isso mesmo, deveriam ser dirigidas pela elite (BEIRED, 1999, p. 180).

de inspiração literária. O antídoto para o isolamento do autor, em Monforte, era a pesquisa histórica nos arquivos da cidade.

Aqui tens, adorada Amiga, como eu sinto e pratico o prazer do isolamento. Em férias sobretudo é-me delicioso. Eu gosto das coisas velhas, volto dos pés à cabeça os arquivos locais, soletro velhos testamentos, surpreendo notas íntimas de há cem anos ou mais, tão vivas ainda como se desabrochassem agora. De sorte que ando sempre acompanhado. Essas figuras que a minha paciência arranca aos documentos apagados para as aquecer e ressuscitar dentro da minha emoção acompanham-me sempre, quero-nos como velhos amigos (Carta...p. 4. *apud* Desvignes, 2008, p. 51).

Essa prática se tornou uma de suas principais atividades intelectuais: a construção de uma análise e uma narrativa historiográfica integralista, num esforço para alcançar “as condições da produção da verdade [...] a um só tempo epistemológicas, discursivas e materiais” (Chartier, 2022, p. 3). A produção intelectual do Integralismo Lusitano se baseava, principalmente, na prospecção e investigação histórica sobre a identidade nacional portuguesa, à procura de justificativas para seu ideal nacionalista de uma sociedade monárquica, estatista-organicista e corporativa, com raízes sociopolíticas e culturais buscadas no Medievo português. Todavia, Sardinha, no período analisado nesta pesquisa, ainda não possuía consolidada sua posição conservadora radical católica e monarquista. O autor ainda pensava e escrevia com uma retórica direcionada aos círculos liberais republicanos, nicho no qual buscava iniciar sua atividade intelectual e galgar posição de influência, cabendo reconhecer a inseparabilidade “entre o pertencimento da história, qualquer que seja, à classe das narrativas e a sua capacidade de fornecer um conhecimento submetido a operações próprias e aos critérios de controle compartilhados por uma comunidade científica” (Chartier, 2022, p. 9).

Na carta de 2 de setembro de 1910, Sardinha declarava-se para a noiva como um republicano radical e descrevia seu crescente interesse em participar na vida política do país, embora considerasse as atividades partidárias e parlamentares como reprováveis. O autor rememorava sua carreira intelectual entrelaçada com a política e pontuava sua opção pelo republicanismo:

Tenho a minha Arte, - a minha carreira literária que me dará prazeres maiores e mais justos. Agora o que eu não posso é desinteressar-me do destino do meu país. Daí a minha educação sociológica me indicar para a crise presente a solução: - a república. Não que eu veja na república o saneamento integral das lástimas que por aí vão, mas porque compreendo e sustento que ela é mais conforme à nossa identidade histórica e etnográfica. É esta a minha

tese, baseada em fatos e na minha observação. Tanto assim que a célula viva em que se apoia desde séculos a nossa vida nacional é o município. E o que é o município senão uma pequena república? Não vem, porém, para aqui a discussão do caso; apenas tem lugar a explicação de como eu, alheio à tricas políticas e superior a elas, me exponho no entanto a amarguras fundas por causa das minhas convicções radicais (Carta...p. 2. *apud* Desvignes, 2008, p. 55).

No período de estudos em Coimbra e nos anos de sua militância política contra a Monarquia Constitucional, Sardinha defendeu um conceito de “República” assentado numa visão da história de Portugal medieval. Nessa fase, já se delineava seu tradicionalismo e vínculos com a coletividade dos interiores, o que se desdobraria na sua proposta de “municipalismo”,²⁰ pressuposto da sua visão política como católico defensor de uma monarquia corporativista. Portanto, o municipalismo acabou se tornando um marco para a sua proposta de organização autoritário-corporativista projetada em seus ensaios históricos.

Quanto as nossas instituições civis e econômicas, a sociabilidade característica da Raça traduz-se vigorosamente pelo mais enraizado comunitarismo. É como se criam as Misericórdias e os celeiros-comuns, os *maniagos* e as *mercearias*. Não há outra nação no mundo que como a nossa se chamasse Grey, e Grey se sentisse em todas as horas difíceis da sua vida. Possuído desse formidável sentido de solidariedade do presente com o passado e com o futuro, João de Barros deixaria nas Décadas meia dúzia de palavras inspiradas, em que o espírito da história portuguesa se resume inteiramente. “*Grande gloria é morrer por nossa Lei, por nosso Rey, que são as mais justas causas de morrer*, - diz o varão insigne de Quinhentos. *A Grey que é a congregação dos nossos parentes, amigos e compatriotas, a que chamamos república, celebra o nosso nome de geração em geração*. Não se encontra na história de Espanha um sentimento tão nítido de comunhão nacional. A Grey “é a congregação dos nossos parentes, amigos e compatriotas”, - repita-se ainda a definição admirável de João de Barros. E seja para a comparar com aquela de Afonso o Sábio que secamente encara a coletividade (*pueblo*) como o “*ayuntamiento de todos los omes communalmente*”. São duas concepções sociais bem opostas: - uma cheia da razão eterna do agrupamento, a outra firmando-se apenas atomisticamente no número dos indivíduos existentes (Sardinha, 1916, p. 63).

²⁰ “Durante o século XIX e primeiras décadas de Novecentos, nas várias concepções sobre a sociedade subjacentes à defesa do descentralismo, encontra-se esta atitude comum: a recusa das teorias contratualistas e a invocação de teses jusnaturalistas e de pendor histórico (ou de ambas) para justificar a autonomia administrativa e política das circunscrições intermédias, apresentadas, simultaneamente, como reação e como alternativa perante o impulso uniformizador do novo Estado.” (Catroga, 2004, p. 409) Alexandre Herculano foi um dos principais historiadores portugueses a se aprofundar na questão do municipalismo enquanto suposta tradição histórica portuguesa na segunda metade do século XIX. Em *História de Portugal*, o escritor defende a importância dos núcleos municipais no processo de desenvolvimento inicial da nacionalidade portuguesa, analisando-os numa dinâmica de oposição à centralização político-administrativa (Branco, 2007, p. 106), pensamento político que reflete, em seu germen, o elitismo advogado por Sardinha em suas cartas à noiva e, posteriormente, em seu pensamento político integralista.

Pouco antes do casamento, em uma das últimas cartas enviadas à noiva, por ocasião do sufocamento do segundo levante monarquista (1912), Sardinha revelou sua decepção e ruptura com o republicanismo.

Escrevo-te muito aborrecido. Hoje tive que assinar um telegrama dirigido ao Presidente [Manuel de Arriaga] pelo triunfo das tropas republicanas. Isso não me repugnava. Mas repugnou-me subscrever a acusação de traidores e de infames que lá se dirigia aos realistas. Eu respeito sempre quem, com exposição da própria vida, mantém e defende uma ideia, boa ou má que ela seja. Espírito liberal, pratico a tolerância e não conheço o ódio sectário. Não tive, porém, outro remédio. O telegrama era assinado por todos os funcionários públicos, recusar-me seria revelar-me partidário dos incursionistas. Não sou. O que sou é sinceramente português para não ter para os que morrem uma palavra de piedade. E acredita que não fosse o receio de comprometer o meu futuro, - se não fosses tu, afinal, eu não tinha subscrito e pedia imediatamente a minha demissão. Em Portugal não se pode viver. A atmosfera de sanha partidária asfixia-nos, não há lugar para manifestações nobres do espírito. O cacetismo de 1828 ressurgiu sob um barrete frígido abominável. Eu que honesta e confiadamente acreditei na República, com horror a repudio. Vai dividir a família portuguesa, para nunca mais se reconciliar. Ó, que abominável o artigo do *Dia* de hoje. Crê, minha Amiga, o meu maior desejo seria deixar Portugal, para lá fora, com a tristeza do meu coração, dizer o que a minha consciência ditasse. Domina-nos a ancestralidade: - a barbaria, a sofreguidão feroz com que chacinávamos os judeus, ressuscita no farisaísmo político que hoje nos envenena. Ó, como os Mortos mandam! (Carta...p. 1-2. *apud* Desvignes, 2008, p. 508-509).

O autor falava de seus sentimentos, emoções, afetos e ressentimentos que marcaram sua mudança de perspectiva política e intelectual – do republicanismo para a defesa da monarquia –, do catolicismo e da adesão ao movimento integralista. Nessa carta, Sardinha se apresentava com um “espírito liberal”, afirmava praticar a tolerância e não conhecer “o ódio sectário”, declarando-se isento de paixões políticas, o que foi transformado com seu ingresso no Integralismo Lusitano e quando, nos anos seguintes, assumiu a defesa radical do direito e do dever dos integralistas de declararem seu ódio à República (Ventura, 2003, p. 63).

Considerações finais

As cartas trocadas entre António Sardinha e sua noiva, Ana Júlia Nunes da Silva, foram as principais fontes utilizadas neste artigo. A análise desses documentos permitiu observar aspectos mais íntimos da vida privada, com a exposição de afetos, emoções e sentimentos de Sardinha para com Ana Júlia, e

também como o autor expôs fora do escrutínio público suas visões políticas e reações diante da situação nacional.

Nas correspondências, aqui analisadas, observa-se o processo de engajamento político que levou Sardinha do republicanismo liberal ao encontro do conservadorismo radical marcado pelo “nacionalismo integral”, articulado às noções de “modernidade” e “antimodernidade”.

A geração de Sardinha apresentou traços radicais na oposição à democracia em Portugal, constituiu redes de sociabilidade e de ação política solidificadas em torno da imprensa (jornais e revistas) e outros canais, porém, quando deixou de reconhecer seus interesses no movimento integralista, trocou por outra vertente radical - o “nacionalismo integral”, cujas propostas foram legadas aos nacionalismos fascistas que ascenderam no período Entreguerras (1918-1945). Essas propostas constituíram uma cultura política ancorada em um conhecimento sistematizado a partir da produção historiográfica do Integralismo Lusitano, atividade na qual Sardinha se destacou.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, R. S. de. **O Valor da Raça - Introdução a uma Campanha Nacional**, Departamento de História, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286937222_O_Valor_da_Raca_-_Introducao_a_uma_Campanha_Nacional. Acesso: 10/05/2022.

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEIRED, J. L. B. **Sob o Signo da Nova Ordem**: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola, 1999.

BENJAMIN, W. Paris, a Capital do Século XIX (I e II). In: **Passagens**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 39-68.

BRANCO, J. P. **O municipalismo no pensamento de Alexandre Herculano (1834-1859)**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Formação Autárquica), Faculdade de Letras, Departamento de História, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

CARDOSO, M. E. Misticismo e ideologia no contexto cultural português: a saudade, o sebastianismo e o integralismo lusitano. **Análise Social**, v. XVIII (72-73-74), n. 3, 4, 5, pp. 1399-1408, 1982. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223461219N4jGG0xg4Je73LC6.pdf>. Acesso: 29/10/2022.

CARVALHO, P. A. de. Ao princípio era o verbo: o eterno retorno e os mitos da historiografia integralista. **Revista de História da Ideias**: História. Memória. Nação, n. 18, University of Coimbra Press, pp. 231-243, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/41930>. Acesso: 12/10/2022.

CASTELO, C. Leituras da correspondência de portugueses. **Ler Letras**, 2000, pp.421-423. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7134.pdf>. Acesso: 12/10/2022.

CATROGA, F. Natureza e História na Fundamentação do Municipalismo da Revolução Liberal ao Estado Novo (uma síntese). **Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos**, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 407-420, 2004. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4980.pdf>. Acesso: 28/10/2022.

CHARTIER, R. Verdade e Prova: História, Retórica, Literatura, Memória. **Revista de História**, São Paulo, n. 181, pp. 1-22, 2022. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/181759>. Acesso: 30/04/2022.

CORDEIRO, J. M. Nação Portuguesa (1914-1916) – Que Integralismo Lusitano? **Cultura**, Revista de História e Teoria das Ideias, v. 26, pp. 139-154, jun. 2009. Disponível em: <http://cultura.revues.org/443>. Acesso: 21/10/2022.

DESVIGNES, A. I. S. Hispanismo e relações luso-brasileiras: a última cruzada contrarrevolucionária de António Sardinha. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 75-104, jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/21821>. Acesso: 28/10/2022.

DESVIGNES, A. I. S. **António Sardinha (1887-1925)**. Um intelectual no século. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

FERRO, M. **A manipulação da história no Ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.

GARRIDO, Á. **Queremos uma nova economia!** Estado Novo e Corporativismo. Lisboa: temas e Debates – Círculo de Leitores, 2016.

GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, A. L. A luta de brasileiros contra o miguelismo em Portugal (1828-1834): o caso do homem preto Luciano Augusto. **Revista Brasileira de História**, v.33, n.65, São Paulo, pp. 211-234, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882013000100009>. Acesso: 15/12/2022.

GRIFFIN, R. **The Nature of Fascism**. Londres: Pinter Publishers, 1991.

GREGOR, A. J. **Mussolini's Intellectuals: Fascist Social and Political Thought**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História, Dossiê: Identidades/Alteridades, **Revista Brasileira de História**, v. 19, n.

38, pp. 125-138, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-0188199900020000>. Acesso: 06/07/2023.

LÉONARD, Y. L. Salazarisme et luso-tropicalisme, histoire d'une appropriation. **Lusotopie**, n°7, Paris, 1997, pp. 211-226. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_1997_num_4_1_1094. Acesso: 15/11/2022.

MARITAIN, J. **Antimodern**. Paris: Édition de la Revue des Jeunes, 1922.

MARTINS, F. O Segundo Integralismo Lusitano e o Salazarismo: origens, decadência e queda. In: SILVA, G. B.; GONÇALVES, L. P.; PARADA, M. B. A. (Orgs.). **Histórias da Política Autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos**. Recife: Editora da UFRPE, 2010, pp. 89-112.

MARTINS, F. Resenha. **Análise Social**, v. XLIV (1.º), 2009, p. 215-217.

OLIVEIRA, L. L. A **Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PINTO, A. C. Fascism: a "revolutionary right" in interwar Europe. In: ATKIN, N.; BIDDISS, M. (Orgs.). **Themes in modern European history, 1890-1945**. Nova York: Routledge, 2009.

PINTO, A. C. O corporativismo nas ditaduras da época do Fascismo. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 17-49, jan/abr 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/Y4pgLWDLShPDJ9QmKrzMb9y/abstract/?lang=pt>. Acesso: 09/10/2022.

PINTO, A. C. **Os camisas-azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2016.

PAXTON, R. **The anatomy of fascism**. New York: Alfred A. Knopf, 2004.

PAYNE, S. **A History of Fascism, 1914-1945**. Madison: Routledge/University of Wisconsin Press, 2013.

POCOCK, J. Conceitos e discursos: uma diferença cultural? Comentário sobre o paper de Melvin Richter. In: JASMIM, M. G.; FERES JÚNIOR, J. (Orgs.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Edições Loyola/IUPERJ, 2006, p. 83-86.

RODRIGUES, A. M. M. António Sardinha: alguns aspectos do seu pensamento. **Revista Portuguesa de Filosofia**, t. 43, fasc. 3/4, pp. 451-462, jul.-dez. 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40335916>. Acesso: 13/12/2022.

ROSAS, F.; ROLLO, M. F. Introdução. In: ROSAS, Fernando; ROLLO, M. F. (Coord.). **História da Primeira República Portuguesa**. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2011, pp. 9-12.

SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Dir.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 231-269.

SCHMITTER, P. Still the century of corporatism? **Review of Politics**, v. 36, n. 1, p. 85-131, 1974.

STERNHELL, Z.; SZNAJDER, M.; ASHERI, M. (Orgs.). **El nacimiento de la ideología fascista**. Madrid: SigloVintiuno de España Editores, 1998.

SILVA, F. C. T. da. Os fascismos. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (Orgs.). **O século XX: o tempo das certezas, da formação do capitalismo à primeira grande guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 1, pp. 109-164.

STEPAN, A. **Estado, Corporativismo e Autoritarismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (Orgs.). **El nacimiento de la ideología fascista**. Madrid: SigloVintiuno de España Editores, 1998.

TORGAL, L. R. Do tradicionalismo antiliberal ao “nacionalismo integral” e à “Terceira via” dos “Estados Novos”. **Historiæ**, Rio Grande, n.1, v.1, pp. 75-88, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2340>. Acesso: 19/12/2022.

TORGAL, L. R. **Tradicionalismo e Contrarrevolução**. O Pensamento e a Ação de José da Gama e Castro. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.

VENTURA, A. **Integralismo Lusitano**: subsídios para uma teoria política. Dissertação (Mestrado em Direito), Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

WINOCK, M. **O Século dos Intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Fontes

SARDINHA, A. **À Lareira de Castela**: estudos peninsulares. Lisboa: Edições Gama, 1944.

SARDINHA, A. **Ao Princípio Era o Verbo**. Lisboa: Livraria Portugalia, 1924.

SARDINHA, A. **A Aliança Peninsular**: antecedentes & possibilidades. Porto: Civilização, 1924/2.

SARDINHA, A. **A Prol do Comum**: doutrina & história. Lisboa: Livraria Ferin, 1934.

SARDINHA, A. **A Teoria das Cortes Gerais**. 2. ed. Lisboa: QP, 1975.

SARDINHA, A. Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva. Coimbra, 10 mai. 1910, 2 p. In: DESVIGNES, A. I. S. (Org.). **Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 39-40.

SARDINHA, A. Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva. Monforte, 7 ago. 1910, 3 p. In: DESVIGNES, A. I. S. (Org.). **Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 41-43.

SARDINHA, A. Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva. Coimbra, 24 ago. 1910, 6 p. *In*: DESVIGNES, A. I. S. (Org.). **Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 48-53.

SARDINHA, A. Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva. Coimbra, 2 set. 1910, 5p., p. 2. *In*: DESVIGNES, A. I. S. (Org.). **Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 54-58.

SARDINHA, A. Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva. Monforte, 15 jul. 1912, 2 p. *In*: DESVIGNES, A. I. S. (Org.). **Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 508-509.

SARDINHA, A. **Na feira dos mitos**: ideias e fatos. 2. ed. Lisboa: Edições Gama, 1942.

SARDINHA, A. O Território e a Raça. *In*: **Integralismo Lusitano**. A Questão Ibérica (Obra Coletiva). Lisboa: Almeida, Miranda e Sousa, 1916, pp. 11-76.